

Entrevista com o Professor Jaime Roy Doxsey

por Leonardo Bis dos Santos

Entrevista realizada com o professor Jaime Roy Doxsey, Dr. em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade de Miami (EUA) e autor dos livros “A Sala de Aula Universitária Como Comunidade de Aprendizagem e Contexto Psicosociológico Para Mudança” e “Participative Education”, este em colaboração com A. R. Wight.

Sempre bem humorado, o Professor Jaime Roy Doxsey conversou sobre sua trajetória de vida, sua vinda para o Brasil e sua atuação na UFES. Agora investindo em um espaço alternativo para grupos de vivência e projetos ambientais, ele conta seus planos para o futuro.

Sinais - Professor Jaime, gostaria de começar essa entrevista pedindo que nos falasse um pouco sobre sua infância e juventude, sua socialização e se o Sr. enxerga alguma ligação entre esses primeiros anos de vida e suas opções profissionais e intelectuais posteriores.

JRD – Nasci em uma pequena comunidade de imigrantes italianos e poloneses de classe média baixa em Nova Jersey, EUA. Meus pais sempre valorizaram muito a educação. Até meus 16 anos eu não tinha definido o rumo de minha vida. Aos 17 iniciei um intercâmbio estudantil na Grécia que me ajudou muito a enxergar os EUA de outra maneira, além de ter me ajudado a definir minhas escolhas futuras. Esse intercâmbio foi minha primeira experiência com o mundo complexo. Também fui apresentado às críticas européias, principalmente às idéias de esquerda, no que concerne à política externa e econômica norte americana.

Após essa experiência comecei meus estudos em uma universidade rural do sul dos EUA. Era o momento onde a segregação racial ainda era muito presente. Lá trabalhei no jornal da faculdade, iniciando como ajudante de redação e terminei como editor desse jornal. Na época publicamos muito sobre racismo e direitos humanos. Isso me rendeu um conflito grande com o reitor, que me ameaçou de não permitir a minha formatura ao final do curso. Dois professores que nos apoiavam foram demitidos por conta desse conflito. O diretório central dos estudantes também sofreu represálias e foi abolido pelo reitor, sendo notícia nacional. Diante desses conflitos os alunos foram muito atuantes contra a segregação chegando até a promover os primeiros bailes inter-raciais na região.

Ao concluir meu curso (1965) fui Voluntário da Paz por dois anos na Costa Rica. Foi minha primeira experiência como sociólogo. Talvez de forma inocente para quem queria “ajudar” o povo de outro país, entrei num mundo onde as políticas de guerra dos EUA foram muito nítidas. Na Costa Rica utilizávamos técnica não-diretiva em um programa de ação local como metodologia de abordagem. Lembro que nos seis primeiros meses ficamos só observando a comunidade antes de desempenharmos qualquer papel de desenvolvimento comunitário, que era o nosso grande objetivo. Foi uma experiência fantástica poder participar da vida de uma comunidade em formação. Construimos escolas, uma igreja, pontes e um hospital praticamente sem fundos governamentais.

Após essa experiência na Costa Rica fui convidado para um Centro de Treinamento de Voluntários da Paz localizado em Porto Rico, Caribe. Os Voluntários iam servir em projetos de parques nacionais na Costa Rica, comunidades de pesca no Panamá e em cooperativas em outros países da America Central. Neste Centro experimentamos a aplicação de uma metodologia vivencial, participativa, com a presença de outros profissionais das áreas de psicologia e pedagogia. Utilizávamos o áudio e o vídeo como

ferramentas, além de muito trabalho em grupos preparando voluntários para a transição cultural.

Sinais – Como se deu esse caminho que o trouxe, um jovem pesquisador norte-americano, até o Espírito Santo e à UFES?

JRD – Saindo de Porto Rico, ingressei no mestrado em Estudos Inter-Americanos – Problemas de desenvolvimento social na América Latina. Meu objeto de dissertação (1972) foi a avaliação de líderes comunitários na Costa Rica que receberem treinamento da Universidade de Costa Rica em desenvolvimento e processos grupais – um programa, para minha surpresa, baseado em nosso trabalho com grupos em Porto Rico. Após trabalho de campo, fui convidado para ser diretor de treinamento para Voluntários da Paz que serviriam como professores na zona rural de Rio Grande do Norte (Brasil) usando material local para o ensino das ciências. Nesse período, casei com uma professora de Português residente em Vitória-ES. Após o casamento moramos por dois anos nos EUA e depois voltamos para o Brasil, mais precisamente para o Espírito Santo. Em 1974 entrei na UFES e em 1975 comecei a lecionar. Em 1976 fui, ainda, presidente da primeira comissão de formação do curso de ciências sociais da UFES, que viria a ser criado no início dos anos 1990.

Sinais – Ao longo de sua trajetória acadêmica na UFES o Sr. desenvolveu intensa atividade de extensão. O Sr. poderia nos falar um pouco dessa experiência como extensionista e qual papel dessa atividade frente à formação acadêmica dos estudantes?

JRD – Desenvolvi inúmeros trabalhos de extensão ao longo de minha trajetória na UFES. Na verdade eu começo meu trabalho no Espírito Santo como pesquisador e extensionista na então Sub-Reitoria Comunitária com o Dr. Renato Pacheco. Só depois começo a lecionar. A experiência de pesquisa e

extensão na Costa Rica me levou a encarar a sala de aula como laboratório de aprendizagem sendo basicamente um processo de grupo. Isso marcaria para sempre minha vida. Nos processos de aprendizagem e na formação de uma “comunidade de aprendizagem”, por exemplo, sempre me importou o “como” estávamos aprendendo e não “o que” estava sendo aprendido. Minha preocupação nesse processo era para facilitar o relacionamento no grupo para criar um ambiente de aprendizagem e proporcionar o desenvolvimento humano. O nosso trabalho de extensão e de pesquisa na UFES levou um grande número de alunos a conhecer melhor o estado do Espírito Santo e seus problemas. Acredito que a experiência foi fundamental para o conhecimento técnico-científico e para a trajetória acadêmica desses alunos.

Sinais – Outro destaque de suas atividades na UFES foi a liderança de equipes de pesquisa, agregando em torno de si um grande grupo de jovens estudantes. Gostaria que o Sr. nos falasse um pouco sobre essa experiência de liderança de equipes de pesquisa e do trato com esses jovens pesquisadores.

JRD – Minha primeira experiência de pesquisa na UFES foi em 1975, quando fizemos um levantamento nas comunidades de Alecrim e Santa Rita, em Vila Velha - ES. Envolvi quase 200 alunos de graduação (antigo Projeto Rondon) e atingimos 917 famílias na ocasião. A partir daí houve várias experiências. Criamos o NAPS – Núcleo de Assessoria em Pesquisa Social, em conjunto com professores de psicologia, estatística e ciências sociais. Iniciamos com levantamentos de opinião e pesquisas eleitorais. Em 1991 participamos de uma licitação através da FCAA para pesquisa em meio-ambiente e desenvolvimento e ganhamos. Isso gerou um debate interno sobre o papel da universidade frente ao mercado e culminou com a extinção do NAPS e a incorporação de suas atividades ao Departamento de Ciências Sociais. Depois foi criado o DATAUFES a partir de uma estratégia adotada por várias universidades do país em suporte à Pesquisa Social Brasileira PESB.

Através dos projetos/contratos de pesquisa conseguimos manter um grande número de alunos dentro da academia. Apesar das críticas, honramos a experiência com jovens pesquisadores. Através de um fundo técnico criado com o dinheiro das pesquisas enviamos alunos para congressos nacionais, apoiamos monografias e fornecemos suporte para vários alunos. Muitos dos dados coletados serviram como base de dissertações e teses. Um número respeitável desses pesquisadores concluiu suas dissertações. Sinto que consegui mobilizar pessoas, a partir dos projetos de pesquisa, criando um processo que poderia ser reproduzido em outras esferas além da academia.

Sinais – No âmbito do ensino de pós-graduação, o Sr. atuou durante muito tempo no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES. O Sr. poderia nos falar um pouco sobre sua participação no PPGE?

JRD – Durante um tempo minha postura não diretiva na aula de Sociologia da Educação incomodou muitos professores e alunos. Acabei desenvolvendo experiências com o ensino da metodologia científica participativa usando Internet e auto-avaliação. Eu bem que gostaria de ter aplicado mais abertamente a Abordagem Centrada na Pessoa no PPGE, mas havia pouca abertura no PPGE e na CAPES para processos mais humanistas. De toda forma encarava a sala de aula como um grupo de aprendizagem e criei a linha de pesquisa “processos grupais de aprendizagem”. Trabalhei com vários bons alunos por lá e sempre orientei segundo minha percepção centrada na pessoa.

Sinais – Recentemente o Sr. tem se dedicado a algumas experiências de educação a distância. O que o motiva para trabalhar com EAD? Como o Sr. avalia o potencial e a realidade da EAD no Brasil?

JRD – Atualmente ainda trabalho com um programa nacional através de uma empresa/instituição particular. Basicamente me motiva a possibilidade de desempenhar a tarefa de romper o vínculo de dependência do aluno em

relação ao professor. À distância, o aluno não está na frente de um professor ou vice-versa. Isso facilita o processo de autonomia do aluno. Afinal, no fundo, acredito que todos nós queremos ser aprendizes independentes. No EAD eu parto da proposição de que as pessoas possuem capacidade interna para a resolução de problemas. Elas só precisam ser estimuladas, pois sabem o que querem. O papel do professor nesse caso é criar condições de autonomia. Gosto muito da seriedade e do empenho dos alunos. Trabalho em Metodologia de Pesquisa Científica com ênfase na ética da produção científica. É um barato!

Sinais – A Psicologia Rogeriana é uma marca em sua produção bibliográfica e em sua metodologia de ensino. O Sr. poderia nos falar sobre essa opção pela abordagem centrada na pessoa, seus primeiros contatos com o pensamento de Carl Rogers e sua experiência de utilização dessa abordagem em sua carreira profissional?

JRD – Diante de minha postura em sala de aula, buscando criar um ambiente de facilitação de aprendizagem, eu comecei a procurar um suporte teórico-metodológico. Assim tive contato com a obra de Rogers, que tem pilares centrados na psicologia humanista. A primeira vez que vi Rogers foi em um vídeo apresentado por um psicólogo visitando Vitória. O primeiro contato pessoal foi em um evento em 1977, no Rio de Janeiro, onde foi reunido um grupo de 120 pessoas. Foi o primeiro grande grupo de aprendizagem formado por Rogers. O engraçado é que ficamos juntos 15 dias e não tínhamos programa prévio para o evento. Depois me encontrei com ele outras vezes no México e no Brasil. Aqui no Brasil e na América Latina tenho estado ativo na promoção dessa Abordagem, organizando cursos, facilitando grandes grupos de aprendizagem e participando em cursos de formação de psicólogos e outros profissionais na aplicação de processos grupais.

Sinais – Outro tema que ressalta de sua trajetória de pesquisador é a questão ambiental. O Sr. poderia nos falar sobre suas atividades na área e das

transformações ocorridas nesse campo de pesquisas no Espírito Santo ao longo desses anos em que tem se dedicado ao tema?

JRD – Este é um tema que me persegue desde a faculdade. Sempre me preocupei com os lugares no mundo onde vivo e faço parte. A questão ambiental aqui era tida como um tema subversivo, uma vez que aparecia em oposição ao desenvolvimento. Era tido como tema da esquerda e de jovens inconseqüentes. A evolução do tema se deu com a exposição da crise ambiental, da poluição, da destruição dos recursos e da riqueza nacional brasileira. Tive a oportunidade de trabalhar com vários projetos de pesquisa e consultoria nessa área, como o Projeto Caranguejo (2000-2007), que trouxe resultados efetivos tanto para a conservação do mangue e dos caranguejos, quanto para a melhoria da qualidade de vida dos catadores de caranguejo. Hoje, diante da aposentadoria na UFES, penso ser imperdoável imaginar ficar sem agir ou pensar no meio ambiente.

Sinais – Faz poucos anos o Sr. se aposentou como professor da UFES. Gostaria que o Sr. nos falasse de suas atividades intelectuais e profissionais atuais e de seus planos para o futuro.

JRD – Eu continuo “lecionando”, porém só à distancia. Escrevo um pouco e agora me dedico a consultorias sobre planejamento estratégico, EIA-RIMAS e avaliação de políticas públicas. Estou tendo, também, a oportunidade de praticar a conservação junto aos meus vizinhos. Estou tendo a oportunidade de envelhecer produzindo algum nível de conhecimento. Acabei de reflorestar 03 hectares de Mata Atlântica e penso em transformar minha propriedade em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN. Ainda não descobri como envolver a UFES nos meus planos. Os meus alunos se foram e os professores têm outras agendas. É frustrante dar-se conta de que a instituição continua sem você e que seu sonho de uma UFES mais engajada acaba assim. De alguma forma fiz minha parte. Suficiente? Não. Uma noite na Lama, no antigo Argentino's, formaram-se duas mesas: uma com quatro professores do

Departamento de Ciências Sociais; a outra com não sei quantos alunos da primeira turma do nosso curso. Um aluno olhou para nós e falou alto: “P..., veja só se vamos acabar assim.” Espero que não!